

Migrantes do Norte do Estado retornam às origens

Ivan Batista

Nos últimos cinco anos, centenas de famílias deixaram o Norte do Espírito Santo em busca da chamada terra prometida em vários pontos do país. O Estado de Rondônia, algo parecido com um "Eldorado" brasileiro, tem seduzido muita gente. Poucos, entretanto, conseguem meios de sobrevivência naquela região. A maioria acaba mesmo vivendo um pesadelo na rota da migração para Rondônia, também conhecida como "rastros de miséria". Em vários municípios do Norte do Estado é fácil constatar a decepção de famílias de pequenos produtores que saíram em busca de melhor condição de vida. Muitos perderam tudo que tinham e voltaram de Rondônia desiludidos e vitimados pela malária. Além de Rondônia, os Estados do Pará, Minas Gerais e Bahia figuram na rota de migração dos capixabas. O Governo do Estado é acusado de omissão por não criar um posto de informação para migrantes.

"Eu aconselho que ninguém saia daqui pensando que Rondônia é a terra prometida, uma espécie de começo do paraíso", adverte João Carlett, 40 anos, casado, técnico em eletrônica e residindo atualmente em São Gabriel da Palha. Ele foi um dos que não teve boa experiência na rota da migração para o Estado de Rondônia, permanecendo lá por três anos junto com seus irmãos.

João Carlett conta que Rondônia não é o que muita gente pensa. "Quem não tem boa estrutura financeira acaba num refúgio de miséria. Lá tudo é caro e é preciso muita garra para vencer as dificuldades. Além do mais, tem a malária que pode levar o migrante à morte, se vacilar. Eu saí daqui pensando 95 quilos e retornei com 68 e muito desiludido".

Carlett é um dos milhares de capixabas que se frustraram com Rondônia. Ele ficou



na região do Jaru, a 820 quilômetros de Porto Velho depois de 52 horas de viagem na esperança de encontrar a terra prometida. "Se eu tivesse terra aqui na região Norte, apesar de toda a seca, não arriscaria a aventura de Rondônia. Lá, as terras são férteis, mas a sobrevivência não é uma tarefa fácil", alega.

Desinformação

O que falta para os migrantes é informação. Algumas pessoas vão conhecer Rondônia e voltam dizendo que é um excelente lugar para se tentar construir alguma coisa. Outros, porém, voltam doentes e tendo que começar tudo de novo, amaldiçoando a "Eldorado". Cada um tem sua história sobre Rondônia no norte do Espírito Santo. O maior êxodo rural para aquele Estado verifica-se em São Gabriel da Palha.

O Sindicato dos Trabalhadores de São Gabriel estima que 70% dos que estão migrando para Rondônia são meeiros, 20% são pequenos ruralistas e 10% diaristas. O certo é que o período de crise que vem cas-

tigando a região tem feito muita gente ir embora.

O tabelião Paulo César Colombi Lessa assegura que o êxodo dos capixabas para Rondônia é algo preocupante. Ele tem vivido o problema todos os dias, ao ser procurado por produtores para lavrar escrituras. Para se ter uma idéia, o baixo preço do alqueire tem resultado num quadro inusitado: centenas de pequenas propriedades já trocaram de donos até seis vezes em menos de três anos.

A família do agricultor Nivaldo Boni, 36, viveu uma experiência desagradável devido à migração para Rondônia. Ela vendeu uma propriedade na região de São Gabriel e saiu em busca de melhores dias. Porém, nem tudo deu certo. Hoje, Nivaldo Boni é apenas meeiro em Córrego Feio e nunca mais quer voltar para Rondônia.

Desânimo

"Nós saímos daqui num total de oito famílias. Eu fiquei apenas 38 dias e desanimei com tudo. Não são fáceis as coisas por lá. Muita gente vende tudo em busca de uma ilusão e volta na miséria", diz o agricultor. Ele ganha a vida hoje como meeiro

Opção da maioria é por Rondônia

Um informativo da Cooperativa Coobriel, de São Gabriel, destaca a migração da região para Rondônia e outros Estados. Segundo os dados, 168 famílias deixaram o município em 1986 com destino a Rondônia, enquanto nove foram para o Pará, cinco optaram por Minas Gerais e 30 pelo Estado da Bahia.

No ano seguinte, a migração apresentou um crescimento significativo, com 220 famílias partindo para o "Eldorado" Rondônia. Apenas quatro famílias foram para o Pará e seis para o território mineiro. O Estado da Bahia, o segundo na preferência dos migrantes, recebeu 38 famílias. Em 88, o êxodo diminuiu. Apenas 67 famílias deixaram São Gabriel com destino a Rondônia. Conforme ainda os dados, cinco foram para o Pará, duas para Minas e 11 para o Estado baiano.

No ano passado, segundo levantamento feito nos dez primeiros meses, 71 famílias decidiram tentar a sorte em Rondônia, 15 na Bahia, dez em Minas e três no Pará. A maioria dessas famílias pertence ao meio rural. São trabalhadores descontentes com vários fatores que vão desde o baixo preço do café ao problema da seca. O sonho é encontrar terras férteis a preços módicos, mas a aventura acaba sempre se transformando em ilusão.

A migração maior para o Estado de Rondônia verifica-se nos municípios de São Gabriel, Águia Branca, Barra de São Francisco, Água Doce do Norte e Pancas. Em São Gabriel, os aventureiros são, principalmente, do distrito de Vila Valério. O fenômeno leva preocupação aos prefeitos, pois os migrantes retornam atacados pela malária, gerando um problema social.

de café e seu sonho é adquirir uma pequena propriedade na região. Rondônia, nunca mais.

Mas a rota da migração para aquele Estado não pára. Apesar dos dramas vivenciados por muitas famílias, outras insistem em conseguir um melhor lugar para viver. Em São Gabriel, é comum encontrar pessoas que já foram tentar a sorte na longínqua região do país. Quem tem boa situação financeira compra terras, coloca pessoas para trabalhar em condições miseráveis e só vai lá periodicamente.

O engenheiro agrônomo Carlos Lobo Teixeira, da Emater, faz uma denúncia grave. "Muitos saem sem planejamento para Rondônia, o que é uma atitude absurda que eu tenho visto muito". Ele salienta que lá é um verdadeiro barril de pólvora prestes a explodir, sendo que as autoridades ignoram o êxodo e que, assim, milhares de famílias estão vivendo em petição de miséria.

Malária

Recentemente, duas famílias retornaram de Rondônia para o município de

Água Doce do Norte. Destas, sete pessoas com malária tiveram que ser internadas no Hospital Doutora Rita de Cássia, em Barra de São Francisco. O retorno só foi possível com a ajuda do médico José Cipriano, depois de receber uma carta dramática do agricultor Neném Teotônio.

"Ele me enviou uma carta relatando seu desespero e de seus familiares em Rondônia", explica o médico. O agricultor tinha apenas Cr\$ 20 mil e recebeu ajuda de mais Cr\$ 30 mil para conseguir um caminhão para o transporte. Em média, o preço de uma viagem de Rondônia ao norte capixaba gira em torno de Cr\$ 70 mil. Teotônio é mais um desiludido que não conseguiu êxito na terra prometida.

A desinformação cria dificuldades para os migrantes. Em várias regiões de Rondônia, segundo testemunho de pessoas que lá estiveram recentemente, centenas de capixabas estão numa espécie de refúgio de miséria e tentando desesperadamente retornar à terra de origem. Uns conseguem, outros não. Há casos de jovens que se prostituem para que as famílias consigam dinheiro para o regresso.